

Reconstrução e resiliência: O impacto do Jornalismo de Soluções na cobertura do desastre ambiental no Rio Grande do Sul¹

Jemima BISPO²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as estratégias do Jornalismo de Soluções, incorporadas nas redações dos veículos do Grupo RBS a partir de 2018, na cobertura do desastre ambiental no Rio Grande do Sul. Para isso, valemo-nos da Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018) como metodologia para analisar as edições do Jornal do Almoço (RBS Caxias do Sul), exibidas na semana em que se completou um mês da tragédia, ou seja, entre 29 de maio a 5 de junho de 2024, como forma de responder à seguinte questão de pesquisa: em que medida o *Jornal do Almoço* forneceu informações práticas e focadas em respostas para a população impactada pela catástrofe ambiental, seguindo a abordagem do Jornalismo de Soluções? A análise das edições indica que essa prática resultou no foco em respostas, informação prática, maior profundidade, construção de resiliência e atração de recursos e de apoio para o estado por meio do telejornalismo com enfoque propositivo.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; jornalismo de soluções; desastre ambiental; resiliência; análise da materialidade audiovisual.

INTRODUÇÃO

As enchentes e os alagamentos no Rio Grande do Sul atingiram 2,3 milhões de pessoas, deslocaram mais de 617 mil de suas casas e causaram 175 mortes, segundo dados da Defesa Civil do Estado em 5 de junho de 2024. As cidades afetadas chegaram a 463 (93% do total), e cerca de 180 mil pontos em diversos municípios ficaram sem energia elétrica. Essa é a fotografia do desastre vivido pelos gaúchos, cujas fortes chuvas começaram no final de abril e início de maio de 2024. Similar ao ocorrido no Sudeste do Brasil no início do ano, quando a temporada de chuvas trouxe enchentes e

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e doutoranda no PPGCOM/UFJF. E-mail: jemimabispo0@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. E-mail: iluska@globo.com

deslizamentos, a situação no Rio Grande do Sul constata um acontecimento recorrente que gera numerosas vítimas periodicamente.

Em momentos como esse, a cobertura jornalística tem sido potente ao revelar detalhes, entrevistar vítimas e especialistas em desastres climáticos, e mobilizar a população para a necessidade e urgência de doações. É a ocasião em que o poder público também se manifesta sobre a fatalidade das chuvas intensas, como se as tragédias fossem inevitáveis e periódicas. Essa observação inicial insurge como oportunidade para o jornalismo tratar de forma mais aprofundada as causas dos desastres naturais, desde a falta de investimentos em prevenção até a busca por soluções já encontradas por outras comunidades. Isso faz parte das estratégias do Jornalismo de Soluções (JS), prática implantada a partir de 2018 no Grupo RBS - conglomerado de mídia da região Sul, que exigiu uma mudança cultural significativa devido à tendência anterior de focar em notícias negativas. Nos veículos do grupo, a perspectiva do JS foi vista como uma promessa para diversificar narrativas e promover um diálogo mais construtivo com o público.

Diante do maior desastre climático da história do Rio Grande do Sul, os veículos de mídia que fazem parte da RBS intensificaram os esforços para informar sobre o impacto das chuvas na região. Com cerca de 50 equipes de reportagem mobilizadas, os profissionais atualizaram o público sobre os estragos e a atuação das autoridades. Nesse cenário, a abordagem de soluções foi utilizada para aprofundar o debate sobre o desastre, promovendo reflexão em busca de respostas e possíveis soluções.

Posto isso, o objetivo do presente trabalho é analisar as estratégias do Jornalismo de Soluções na cobertura do acontecimento, tomando como objeto empírico o Jornal do Almoço (JA), exibido pelas emissoras da RBS Caxias do Sul - Grupo RBS. Esse é o principal e mais antigo telejornal da emissora; está no ar desde 6 de março de 1972. Na semana em que se completou um mês das fortes chuvas no estado (29 de maio a 5 de junho), o JA exibiu reportagens sobre a reconstrução dos municípios atingidos, o acesso a auxílios financeiros e a retomada de diversos setores. As edições são utilizadas como recorte para a pesquisa, que utilizará como ferramenta metodológica a Análise da Materialidade Audiovisual (Coutinho, 2018).

A ASCENSÃO DO JORNALISMO DE SOLUÇÕES E A EXPERIÊNCIA DO GRUPO RBS

O desenvolvimento do Jornalismo de Soluções representa um avanço significativo na evolução do fazer jornalístico brasileiro, oferecendo uma abordagem mais equilibrada e construtiva para a cobertura de questões sociais, econômicas e ambientais. As iniciativas pioneiras e os conceitos teóricos discutidos neste capítulo demonstram o potencial da prática para promover a busca por mudanças sociais e inspirar ações positivas na sociedade.

A abordagem, como uma atividade que intenciona destacar não apenas os problemas mas também iniciativas que conseguiram mitigar ou minimizar eventuais questões emergentes na sociedade, tem ganhado cada vez mais espaço e relevância no cenário jornalístico em diversos países do mundo.

Para traçar um mapeamento teórico a respeito do Jornalismo de Soluções, ressalta-se os desafios em encontrar referências nacionais, haja vista que, no Brasil, as pesquisas relacionadas ainda estão sendo consolidadas. Portanto, tomamos como universo de investigação os estudos produzidos sobre a temática, colocando em destaque trabalhos estadunidenses que se dedicam a experimentos sobre a leitura de notícias focadas em soluções.

Esse tipo de prática investiga e explica, de forma crítica e clara, como as pessoas tentam resolver problemas amplamente compartilhados. Enquanto os jornalistas normalmente definem a notícia como “o que deu errado”, a proposta baseada em soluções tenta expandir essa definição: as respostas para os problemas também têm valor-notícia. Ao adicionar uma rigorosa cobertura de soluções, jornalistas podem contar uma história completa.

Jornalistas que já atuam com a prática a compara com reportagens investigativas que também relatam soluções existentes, o que pode ajudar a reconstruir a credibilidade perdida e aumentar o interesse do público pelas notícias (LOUGH e MCINTYRE, 2018). Eles descrevem as notícias orientadas para a solução como sofisticadas, baseadas em evidências, precisas e equilibradas, e identificaram objetivos como levar um problema adiante, fornecer aos indivíduos informações sobre as quais eles podem agir e, em última análise, estimular mudanças sociais (MCINTYRE e LOUGH, 2019).

Em vez de envolver o público diretamente na conversa sobre soluções ou apresentar alternativas públicas, o Jornalismo de Soluções se distingue por sua ênfase nas ações de quem já está implementando soluções para desafios comuns. Ou seja, é articulada uma nova marca de liderança pragmática a serviço do público, cujas ações, individuais ou coletivas, demonstrem caminhos eficazes, inovações e alternativas viáveis.

A centralidade, segundo Beer (2010), reside na pergunta “quem está mostrando o caminho?” (2006, p. 121). Esse tipo de pergunta exige que os jornalistas investiguem um possível futuro alternativo, reportando experimentos locais e em pequena escala, ou mesmo de grandes feitos nacionais ou internacionais.

Pesquisas norte-americanas indicam que o público do Jornalismo de Soluções se sente mais positivo (MCINTYRE, 2019; MCINTYRE e SOBEL, 2017; MURRAY e STROUD, 2019) e manifesta interesse em aprender mais sobre o tema (CURRY e HAMMONDS, 2014; MCINTYRE e SOBEL, 2017; MURRAY e STROUD, 2019). Em contrapartida, há quem ressalte os revezes, apontando que não haveria como tomar partido em conflitos políticos e sobre problemas complexos para os quais não existem soluções simples (HAAS, 2006). As críticas ainda apontam para a descaracterização do jornalismo de seus compromissos normativos e temporais.

O diferencial diz respeito à “cobertura rigorosa e convincente de respostas a problemas sociais” (REDE DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES, 2020), com destaque para a precisão da apuração e a maior autonomia investigativa por parte dos jornalistas. Assim, as histórias são capazes de “fornecer aos cidadãos dados e experiências da vida real a partir dos quais se pode fazer julgamentos sobre como responder às injustiças e, coletivamente, escolher um caminho diferente” (BEERS, 2010, p. 122).

No Brasil, esse movimento tem suas raízes em ações que surgiram nas últimas décadas, impulsionadas por uma necessidade de redefinir o papel e a função do jornalismo em um contexto de crescente descrença na mídia tradicional e de desafios sociais complexos. As proposições do professor Antônio Simões (2022) também são tomadas como referência para apresentar o potencial do Jornalismo de Soluções de oportunizar uma narrativa de esperança. Segundo o pesquisador, as histórias são baseadas em respostas aos desafios das mais diversas áreas, desde a crise climática até problemas de saúde pública, mobilidade urbana, educação, segurança, entre outras.

Simões (2022) sintetiza que a abordagem ainda objetiva contribuir para a construção de um mundo com mais justiça social e preservação do meio ambiente.

Para o presente trabalho, destacamos a atuação do Grupo RBS, conglomerado de mídia brasileiro fundado em agosto de 1957 que, em 2019, deu início à implantação do Jornalismo de Soluções em todos os veículos do grupo. O desenho da implementação da abordagem no sul do país foi possível a partir da realização de entrevista semiestruturada com a diretora de Jornalismo e Esporte do grupo, Marta Gleich, em 16 de julho de 2022, como parte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Sobre a adesão à prática do Jornalismo de Soluções no grupo, ela explica que, anualmente, é realizada uma discussão sobre como a equipe pode melhorar a qualidade do jornalismo. Para a jornalista, trata-se de uma discussão bastante aberta, com vários repórteres, colunistas, comunicadores, editores, em que é pensado o estágio em que estão e a possibilidade de melhorias. Afirma ainda que isso pode ser feito por meio de projetos, melhorias de produto, treinamentos e de várias outras possibilidades em prol da melhoria da qualidade do jornalismo. Em um desses encontros, em 2019, foi mencionado o Jornalismo de Soluções.

Não fui eu quem trouxe o tema, mas dois colegas o apresentaram de forma genérica. Nós topamos entender melhor o que seria e eu me apaixonei pela temática e comecei a estudar a fundo. Busquei conteúdos desenvolvidos nos Estados Unidos, na Escandinávia, especialmente, e na Europa. Os dois primeiros são locais em que a temática segue mais desenvolvida. Eu diria que é um avanço importante do jornalismo em relação a uma visão antiga e talvez de menos comprometimento com a sociedade que nos cerca. Aqui, me refiro a quem não faz Jornalismo de Soluções (GLEICH, 2022, entrevista).

O treinamento nas redações teve início a partir do conhecimento adquirido pela entrevistada, por meio de estudos autodidatas, sem a participação em cursos formais. Ela explica que, inicialmente, o projeto foi implantado nos jornais. Posteriormente, introduziu duas pessoas de destaque internacional na área, por meio de uma iniciativa conjunta do Instituto de Jornalismo Construtivo, na Dinamarca, e da Rede de Jornalismo de Soluções, em Nova Iorque. Os profissionais das instituições ministraram

aulas sobre o tema, o que se mostrou muito motivador para a equipe, de acordo com a entrevistada.

Nesse período, o Jornalismo de Soluções já estava sendo praticado em todos os veículos da RBS: televisão, rádio, jornais e plataformas digitais. Gleich destaca a presença de uma página específica chamada Jornalismo de Soluções, hospedada em GZH, o site da empresa, e no G1 RS, onde todas as matérias produzidas sob essa abordagem são compiladas. Independentemente do veículo em que foram veiculadas, é possível acessá-las nesses dois grandes repositórios.

Ao longo do tempo, o JS tornou-se parte da cultura das redações, foi incorporado como prática regular e passou a fazer parte da linha editorial de todas as redações da empresa. Gleich ainda esclarece sobre a importância dos treinamentos nesse processo de comunicação sobre a nova iniciativa que, para ela, vai além da estética, mas deriva do reconhecimento do poder transformador e positivo na sociedade.

A entrevistada explora o conceito do Jornalismo de Soluções, ressaltando sua distinção em relação ao simples relato de problemas. Ela enfatiza a importância de não ignorar o problema, mas dedicar mais espaço e tempo para debater possíveis soluções ou destacar exemplos de sucesso. Para ela, esse tipo de jornalismo é feito de duas maneiras: debatendo em profundidade a solução, acompanhando a questão até ser resolvida, ou apresentando quem já resolveu o problema existente na comunidade e que pode, portanto, ser resolvido a partir da receita de outra localidade.

Quanto à implementação prática no Grupo RBS, a jornalista menciona que todos os profissionais foram treinados e praticam, de alguma forma, o Jornalismo de Soluções. Já sobre a forma como se deu a comunicação com o público para que entendesse essa mudança de abordagem, Gleich explica que a recorrência com que publicavam as histórias fez com que o público fosse assimilando melhor sobre o conceito. Enfatiza também que a abordagem pode estar em uma nota, em um boletim de rádio curto ou mesmo em uma série de reportagens extensa. Ela não se limita a grandes peças jornalísticas, que demanda tempo de produção, apuração etc. Por isso, é muito importante comunicar ao público o que está sendo produzido e por quê.

Em relação aos desafios percebidos e enfrentado no dia a dia de quem trabalha com histórias de soluções, ela destaca a falta de preparo das fontes para perguntas focadas em respostas propositivas, haja vista que estão, na maioria das vezes, aptas e

preparadas para dizer claramente e discorrer longamente sobre o problema. Segundo Gleich, os entrevistados esclarecem com muita naturalidade o que é o problema. Mas, quando são questionados sobre como avançar, a conversa tende a ser considerada mais complexa.

Questionada sobre a implantação do JS no telejornalismo, considerando a rotina mais dinâmica para a produção das notícias, de um lado, e a necessidade de aprofundamento que é tão caro à prática de soluções, a entrevistada enfatiza que não há tantos limites para se fazer JS na TV, sendo possível apurar uma pauta normalmente, sem a necessidade de falar com mais fontes ou demandar mais tempo de produção. Como ressaltado por Gleich (2022), o que muda é o tipo de abordagem, focada na solução do problema, não sendo, portanto, uma questão de meio, mas uma frase a mais é crucial para encontrar a saída.

UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA ANALISAR A COBERTURA DO DESASTRE NO RS

Cerca de dois anos separam a entrevista realizada com Gleich e a catástrofe ambiental no Rio Grande do Sul. Mas, as proposições apresentadas na ocasião da conversa com a diretora de Jornalismo do Grupo RBS ainda se mostram valiosas para pensarmos no quanto a implementação do Jornalismo de Soluções foi providencial para lidar, também, com o desastre vivenciado no Rio Grande do Sul. Para analisar esse cenário, tomamos como inspiração metodológica, a Análise da Materialidade Audiovisual – AMA – (Coutinho, 2018). O método desenvolvido pela pesquisadora a partir das pesquisas realizadas no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual da Universidade Federal de Juiz de Fora surge para ampliar as possibilidades das análises de produtos audiovisuais, sem a necessidade de decomposições que, para a autora, descaracterizam a experiência do consumo e o dar a conhecer dos telejornais.

Considerando Coutinho (2018), levamos em conta o todo da materialidade audiovisual de forma simultânea, ou seja, buscamos, ao longo do estudo, preservar ao máximo a unidade texto+som+imagem+tempo+edição em toda a sua complexidade, de códigos, sentidos e símbolos.

Enquanto percurso metodológico, construímos uma ficha de avaliação, cujos eixos nos ajudaram no processo de análise. Eixo 01: a abordagem é capaz de (a) aumentar a conscientização/compreensão de um problema? e (b) influenciar a opinião pública e/ou o discurso?; Eixo 02: propõe mudanças nas políticas públicas ou ações individuais/comunitárias?; Eixo 03: impulsiona a construção do senso de resiliência e empoderamento na comunidade? e Eixo 04: propicia a atração de recursos e apoio para o estado do Rio Grande do Sul?

A partir dessas perguntas, iniciamos a análise que nos serviu como guia para a construção das inferências apresentadas ao longo do artigo. Ainda quanto às fichas de avaliação, Coutinho (2016) reforça que essas “balizas e parâmetros de análise” devem ser formulados tendo em vista as questões de pesquisa e o referencial teórico utilizados, podendo contemplar tanto questões quantitativas quanto qualitativas. Assim, a ficha de avaliação é construída como um conjunto de perguntas dirigidas ao corpus, uma espécie de entrevista que segue uma pauta previamente estabelecida.

Para a análise, consideramos as reportagens veiculadas ao longo da semana compreendida entre os dias 29 de maio a 5 de junho de 2024, sem levar em conta a chamada na cabeça do telejornal. O acesso aos vídeos se deu via repositório da emissora, *Globoplay*.

No dia 29 de maio, 03 entre as 05 matérias anunciadas na escalada ainda são sobre as chuvas e enchentes, sendo uma delas sob a perspectiva do JS. A manchete destaca como o setor de turismo foi afetado pelas chuvas. O mote diz respeito às estratégias para liberar os acessos às cidades e retomar infraestrutura das estradas e acessos aeroportuários para que o público chegasse às atrações nos municípios que vivem essencialmente do turismo, como Gramado. A reportagem apresenta uma pesquisa realizada em parceria entre o Governo do Estado e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que mapeou os prejuízos no setor e buscou possíveis soluções para melhorar os acessos e divulgar as atrações turísticas. Há também a entrevista do secretário de Turismo sobre a possibilidade de ofertar uma linha de crédito com juros mais baixos para o setor turístico.

Na edição do dia seguinte - 30 de maio, a matéria de destaque aborda a arrecadação de alimentos durante as atividades no feriado de Corpus Christi, em Flores da Cunha (RS). A narrativa segue a tônica da solidariedade e resiliência, apresentando

os pontos de arrecadação de donativos para as vítimas das chuvas e enchentes, enquanto mostra também a tradicional confecção de tapetes com mensagens de fé e esperança ao povo gaúcho. O Repórter evidencia o dia ensolarado, como não se via há dias na cidade e região. A edição traz ainda notas cobertas sobre outras cidades do estado que se engajaram para arrecadar alimentos não perecíveis para os afetados pelo desastre ambiental, como Bento Gonçalves, São Marcos, Veranópolis, Vila Flores e Antônio Prado.

Uma segunda matéria na mesma edição mostra a iniciativa de uma escola em que os estudantes escreveram cartas para as crianças atingidas pelas chuvas. Foram centenas de cartas estimulando o amor, a empatia e a esperança.

A última reportagem do dia 30 de maio aborda a importância das celebrações no feriado de *Corpus Christi*, sobretudo no momento em que o estado sofre com a calamidade provocada pelas enchentes. Na passagem, o repórter Raí Quadros afirma: “A gente fica um pouco mais leve, com tanta notícia pesada que a gente tem dado aqui no *Jornal do Almoço*, que é preciso mostrar também essa resiliência, essa força e essa fé do povo gaúcho através da arte” (JORNAL DO ALMOÇO, 2024, 0m50s).

No dia 31 de maio, o *Jornal do Almoço* retoma a cobertura do feriado de *Corpus Christi*, ressaltando os recursos doados durante as celebrações religiosas. Uma das reportagens da edição apresenta também a reativação dos serviços de emissão de documentos em Caxias do Sul. Diante do feriado prolongado, o telejornal apresenta as estratégias e alternativas para facilitar o acesso dos turistas a algumas cidades da região.

Outra reportagem mostra as ações realizadas ao longo do mês para arrecadação de itens mais importantes, além de abordar a queda no número de voluntários e incentivar a participação da população em prol dos trabalhos em pontos de arrecadação e distribuição dos itens. Na mesma edição, outra matéria a iniciativa do Banco de Vestuário de Caxias do Sul, que realizou uma oficina que ensinou a produção de bonecas e cavalinhos de pano que foram doados para crianças e idosos afetados pelas chuvas.

Na edição do dia 03 de junho, o foco é a exibição de um novo serviço para recuperar o aprendizado de crianças e adolescentes da rede municipal de Caxias do Sul. O serviço promete incentivar um ambiente educacional inclusivo e acolhedor para alunos, professores e familiares. Há também a apresentação do projeto da nova ponte na

BR-116 - afetada pelas fortes chuvas de abril, com finalização prevista para fevereiro de 2025. No telejornal do dia seguinte, a escalada destaca a reportagem sobre a assinatura de contrato para a construção da respectiva ponte. Outra matéria apresenta o plano de reconstrução de estradas e pontes em diversas outras cidades do estado.

No Dia Mundial do Meio Ambiente (05 de junho), o telejornal mostra quais alternativas estão sendo adotadas para evitar alagamentos em Caxias do Sul, com especialistas abordando a importância de obras que preparem a cidade para mudanças no clima. Outra reportagem fala sobre os produtores rurais da serra atingidos pelas enchentes, que receberam visita de técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), com objetivo de orientar e assessorar os produtores nesse momento de recuperação.

As descrições prévias das edições ao longo da semana utilizada como recorte da pesquisa sintetizam a análise realizada via AMA. Assim, os três eixos investigados suscitaram resultados relevantes que nos ajudaram a responder o problema de pesquisa.

A partir da análise das reportagens veiculadas no *Jornal do Almoço* entre os dias 29 de maio e 5 de junho, houve a constatação de que a prática do Jornalismo de Soluções possui uma relevância significativa na cobertura de catástrofes ambientais, como a que ocorreu no Rio Grande do Sul entre o final de abril e início de maio de 2024.

No eixo 01, cujo objetivo era identificar se a abordagem seria capaz de aumentar a conscientização/compreensão do público sobre o cenário das enchentes, entendemos que, a partir da maior profundidade e contexto com que foram retratadas, as reportagens forneceram informações práticas e acionáveis, o que pode ajudar diretamente as pessoas afetadas por desastres. Isso pode incluir dicas sobre como se preparar para futuras emergências, onde buscar ajuda e como participar de esforços de recuperação. É uma forma também de explorar as causas subjacentes dos problemas e as soluções potenciais, o que ajuda o público a entender melhor as complexidades das tragédias ambientais e as maneiras de abordá-las de forma mais eficaz.

O segundo eixo investiga se as reportagens com foco em soluções apresentam algum tipo de proposição relacionada a mudanças nas políticas públicas ou ações individuais/comunitárias. Nesse sentido, embora não tenha sugerido e apontando nenhum tipo de política pública relacionado à mitigação de desastres naturais dessa

magnitude, a análise revelou que, ao mostrar exemplos de sucesso e inovação na resposta a tragédias, o Jornalismo de Soluções pode inspirar outras comunidades e autoridades a adotar medidas semelhantes.

O eixo 3 - impulsiona a construção do senso de resiliência e empoderamento na comunidade - se confirma, uma vez que as reportagens apresentaram o senso de empoderamento gerado nos cidadãos, mostrando que é possível fazer a diferença e contribuir para a recuperação e resiliência de suas comunidades. As matérias exibidas no *Jornal do Almoço* com viés de solução também buscaram apresentar ações de reconstrução, como reformas estruturais em pontes e estradas, além de propostas para criar linhas de créditos para o setor turístico, um dos mais afetados pelo desastre. Ao destacar práticas e políticas que aumentam a resiliência das comunidades, o Jornalismo de Soluções implementado no *Jornal do Almoço* foi capaz de contribuir para a construção de comunidades mais preparadas para enfrentar futuras catástrofes. Isso inclui a promoção de planejamento urbano sustentável, proteção ambiental e fortalecimento das infraestruturas locais.

Por fim, no eixo 4, inferimos que as matérias com foco em soluções bem-sucedidas podem atrair a atenção de doadores e organizações que queiram apoiar essas iniciativas. No caso da cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul, isso resultou em um fluxo maior de recursos financeiros e humanos para as áreas afetadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das reportagens do *Jornal do Almoço* sobre as enchentes no Rio Grande do Sul, efetivada entre 29 de maio e 5 de junho de 2024, mostra a complexidade de se lidar com um desastre climático de tal magnitude e como a abordagem de soluções proposta pelo Grupo RBS conseguiu destacar não apenas os problemas gerados pela catástrofe, mas também as iniciativas em curso para mitigar os impactos e promover a recuperação das regiões atingidas. Contudo, como é comum em desastres dessa natureza, a tentativa de retomada da normalidade após a descida das águas, com a lama e a destruição que se seguem, revela um desafio contínuo que se estende para além da cobertura imediata.

As reportagens focaram em questões centrais como a reconstrução de estradas e pontes, o apoio aos setores afetados, a solidariedade das comunidades e as alternativas para evitar que eventos similares se repitam no futuro. No entanto, quando se trata de desastres climáticos agravados pela intervenção humana, fica evidente que as soluções propostas não podem ser tão rápidas ou simples. Enfrentar as consequências de uma crise ambiental de tamanha complexidade exige uma mudança profunda na forma como nossa sociedade organiza suas práticas produtivas e se relaciona com o meio ambiente. Essa mudança precisa passar por uma transformação radical, não apenas no âmbito das políticas públicas, mas também na conscientização de todos os agentes envolvidos – desde as autoridades até os cidadãos. Como destacado pelo *Jornal do Almoço* em suas reportagens na semana analisada, a recuperação das áreas atingidas, embora necessária e urgente, é apenas uma parte do processo. Para que eventos climáticos extremos como o ocorrido no Rio Grande do Sul não voltem a ocorrer com tal intensidade, é imperativo repensar em práticas produtivas e adotar estratégias sustentáveis que levem em consideração os impactos ambientais de longo prazo.

Outra lacuna evidenciada na análise diz respeito à profundidade com que as causas subjacentes da tragédia foram exploradas. Ou seja, embora o telejornal tenha fornecido informações práticas e relevantes sobre o desastre e as iniciativas para lidar com ele, a cobertura, ao enfatizar soluções pontuais, como ações de solidariedade e a recuperação da infraestrutura, pode não ter se aprofundado suficientemente nas questões estruturais e ambientais que agravam catástrofes como essas, como a falta de planejamento urbano adequado e de políticas ambientais preventivas.

Embora ainda necessite de aprofundamentos mais alinhados à prática do Jornalismo de Soluções, a cobertura reforçou o papel das ações comunitárias e individuais ao apresentar a mobilização popular na arrecadação de doações e em atividades como a confecção de tapetes em celebrações religiosas, iniciativas de estudantes em escrever cartas em apoio aos afetados, demonstrando um espírito de solidariedade e cooperação. Esses elementos desempenharam uma atmosfera que incentivou tanto o engajamento individual quanto comunitário para enfrentar uma crise. A inclusão de especialistas e autoridades também ajudou a dar visibilidade a ações concretas de recuperação, sugerindo possíveis mudanças de comportamento e

reforçando a necessidade de ação coletiva e governamental diante dos desastres naturais.

A presente pesquisa reforça a importância do papel do Jornalismo de Soluções na cobertura de desastres ambientais, na medida em que é capaz de apontar caminhos viáveis e a promessa de um diálogo baseado em ações propositivas e baseado em resiliência e esperança entre os diversos atores envolvidos no contexto em que ocorreu a tragédia ambiental no Rio Grande do Sul. No entanto, fica claro que soluções efetivas, a serem retratadas via telejornal, dependem de uma abordagem multidimensional, que envolve educação, políticas públicas e uma mudança estrutural no modelo de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BEERS, D. **The Public Sphere and Online, Independent Journalism**. Canadian Journal of Education/Revue Canadienne de l'éducation, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/20054149>. Acesso: 10/jun/2022.

COUTINHO, I. **Com telas e afeto: para fazer um telejornal predileto e inclusivo**. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1649-1.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

COUTINHO, I; MATA, J. **Dos personagens à incorporação do público: uma análise sobre o lugar do cidadão no telejornalismo**. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Org). 60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010.

CURRY, A. HAMMONDS, K. **O poder do jornalismo de soluções**. Projeto: Notícias envolventes, 2014. Disponível em: https://mediaengagement.org/wp-content/uploads/2014/06/ENP_SJN-report.pdf. Acesso: 10/jun/2022.

GLEICH, M. **Entrevista** concedida a Jemima Bispo. São Paulo, 16 jul. 2022.

JA. JORNAL DO ALMOÇO, íntegra. (2024). Caxias do Sul: Rede Globo de Televisão, 29 de maio de 2024. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12635014/>. Acesso em 06/07/2024.

JA. JORNAL DO ALMOÇO, íntegra. (2024). Caxias do Sul: Rede Globo de Televisão, 30 de maio de 2024. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12637993/>. Acesso em 06/07/2024.

JA. JORNAL DO ALMOÇO, íntegra. (2024). Caxias do Sul: Rede Globo de Televisão, 31 de maio de 2024. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12640737/>. Acesso em 06/07/2024.

JA. JORNAL DO ALMOÇO, íntegra. (2024). Caxias do Sul: Rede Globo de Televisão, 03 de junho de 2024. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12646300/> Acesso em 06/07/2024.

JA. JORNAL DO ALMOÇO, íntegra. (2024). Caxias do Sul: Rede Globo de Televisão, 04 de junho de 2024. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12649620/> Acesso em 06/07/2024.

JA. JORNAL DO ALMOÇO, íntegra. (2024). Caxias do Sul: Rede Globo de Televisão, 05 de junho de 2024. Programa de TV. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12652812/> Acesso em 06/07/2024.

LOUGH, K.; MCINTYRE, K. **Transição para o Jornalismo de Soluções: Mudança da redação para notícias focadas em soluções**. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2020.1843065>. Acesso: 05/mai/2022.

MCINTYRE, K.; SOBEL, M. 2017. **Motivar o público de notícias: chocar ou fornecer a eles soluções?**. Comunicação e Sociedade30 (1): 39–56. Rede de Jornalismo de Soluções. 2017. Relatório Anual 2016. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/43917>. Acesso: 11/jun/2022.

MCINTYRE, K. **Jornalismo de Soluções**. Prática de Jornalismo, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2017.1409647>. Acesso 10/jun/2021.

MURRAY, C.; STROUD, N. **The keys to powerful Solutions Journalism**. Disponível em: <https://mediaengagement.org/wp-content/uploads/2019/08/CME-Report-Powerful-Solutions-Journalism.pdf> Acesso: 10/jun/2024.

REDE DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES. Home. Disponível em: <https://www.solutionsjournalism.org> Acesso: 11/jun/2024.

SIMÕES, A. **Jornalismo de Soluções: Desafios e Vivências Inovadoras**. Campina Grande: Editora da Universidade Estadual da Paraíba, 2022.